

Dado o objetivo de lidar com a dimensão cultural das práticas do design, os capítulos que compõem o volume **Fronteiras do Design: [entre] outros possíveis** adentram por um universo de conhecimentos realmente de fronteira, abordando o que frequentemente escapa às reflexões tradicionais e dando destaque ao circunstancial que permeia a práxis e o pensamento deste campo, envolvendo a sociedade, as pessoas, os artefatos e os espaços construídos, assim como os modos de concebê-los, produzi-los e de experienciá-los. Expressam, portanto, um esforço autocrítico quanto ao fazer do design e aos seus pressupostos tradicionais, esses, via de regra, constituídos a partir da perspectiva de integração ao ideário moderno ocidental no qual tanto o indivíduo quanto o coletivo aparecem desfocados em nome de um padrão normativo. O conjunto de trabalhos que

se seguem, ao contrário, priorizam fenômenos que escapam a uma planificação racionalista mais estrita e também ao próprio escrutínio da escrita da história do design.

Alguns capítulos presentes na coletânea revelam rotas de escape, possibilidades ampliadoras do olhar sobre as coisas, possibilidades subversivas, suscitadas por vivências mediadas pelos artefatos, seja na intimidade ou no espaço público. Abordam experiências questionadoras quanto aos estereótipos que rondam o fazer do design, facultadas a quem possa perscrutá-las. Essas rotas são fortemente alçadas nas análises dos capítulos SITUAÇÕES EMERGENTES: PROCESSOS SITUACIONISTAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA DO RECIFE, Bruna Morais e Gentil Porto Filho (UFPE) e VELHEZ: O BOM ENCONTRO ENTRE VIDA E ARTE, Renata Santana e Oriana Duarte (UFPE), que cotejam, ambos, a dimensão poética e situações criadoras que apontam novos valores a partir das experiências das pessoas para com o mundo ao redor. Por sua vez, em CORPO E ESTÉTICA: IMERSÃO EM UM ROLÊZINHO DO PASSINHO DOS MALOKA NO RECIFE, Alexandre Silva e Simone Barros (UFPE) se lançam a uma imersão aos elementos estéticos singulares na expressão de práticas culturais através do corpo entre participantes do baile da Tauá, que ocorre na

comunidade de Peixinhos, em Olinda/PE.

Outros capítulos apontam o desvelamento do perverso, a dimensão anti-humana da máquina produtiva ocidental, que passa silenciosamente a compor a agenda dos processos sistêmicos e construções formais hegemônicas - esses que sustentam a precarização dos trabalhos, inclusive o trabalho dos designers, e a manipulação de seus públicos, sobretudo quanto às práticas de consumo, na direção dos interesses do capitalismo mais recente.

O perverso, que é sistematicamente gestado, seja nas brechas, pela disfuncionalidade, seja no planejamento original das materialidades modernas, nos afeta principalmente do ponto de vista das ideias, alimentando a sociedade com um imaginário de estereótipos supostamente consensuais, supostamente integradores e capazes de

dirimir as distâncias entre classes e promover equidade de gênero, raça e etária. Este ponto de vista atravessa, embora não esgote, as abordagens dos capítulos A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NAS ABERTURAS DE TELENOVELAS: O CASO DE *TIETA* (1989), de autoria de Jaíne Cintra e Paulo Cunha (UFPE); e ANÁLISE DO PROCESSO CRIATIVO: UMA CRÍTICA GENÉTICA DO DESIGN DE SUPERFÍCIE TÊXTIL, Larissa Mota e Kátia Araújo (UFPE). Nas duas elaborações, a perspectiva autocrítica se apresenta através da compreensão desconstrutiva dos fenômenos abordados, que leva à necessidade de repensar as práticas do design em novas bases, a partir do desvelamento do que está oculto, o ente cuja face não foi possível divisar no delineamento inicial da utopia moderna.

Dando relevo a aspectos que são minimizados nas abordagens atuais, respectivamente, relativos à temática da metodologia projetual e à construção social do pensamento do design, segue-se o capítulo A MIMESE COMO FERRAMENTA CRIATIVA EM PROJETOS BIOINSPIRADOS, no qual Antônio Nogueira, Theska Laila Soares e Amilton Arruda (UFPE) recuperam a visão de criação integrada à natureza, perspectiva presente entre as metodologias projetuais tradicionais, entretanto ofuscada entre as abordagens correntes. Por sua vez, no capítulo A DIFUSÃO DOS FUNDAMENTOS MODERNOS DA ARQUITETURA E DO DESIGN NO BRASIL E NA ARGENTINA (1920–1930): DOS BAUHAUSIANOS A LE CORBUSIER, de autoria de Patrícia Amorim (ESPM SP) e Virginia Cavalcanti (UFPE), as autoras alargam

o registro e discussão da história do design moderno, destacando projetos de caráter inovador no contexto da América Latina.

Enfim, pode-se afirmar que em seu conjunto, os trabalhos tratam de revisitar com novo olhar, problemáticas recentes (ou reemergentes), que dizem respeito ao design no seu trato com os indivíduos e com a sociedade. São também significativos de certos deslocamentos quanto aos diálogos teóricos atuais do campo que, objetivando alçar mais plenamente as preocupações com o ser humano, e não desdenhando sua dimensão psicobiológica ou comunicativa, recorrem a uma terceira via pela busca do simbólico cultural, concebido enquanto construção coletiva e fenômeno sócio-político. As reflexões propostas nos capítulos expressam a compreensão de que, mais além do estritamente planejado, o design também se faz através do entrelaçamento das ações das pessoas e de suas concepções sobre as coisas e os ambientes.

Esperamos que apreciem!

AGRADECIMENTOS

Registramos nossos agradecimentos aos membros internos e externos do conselho editorial da Linha de Design Cultura e Arte pela colaboração significativa na consecução do volume, em especial a Rachel Noronha, Maria Cecília Loschiavo dos Santos, Maria Grazia Cribari Cardoso e Gentil Porto Filho.